



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Salete Luciana de Oliveira

NARRATIVAS DE VIDA DE ESTUDANTES DA EJA

**Porto Alegre
Janeiro, 2013**

Saete Luciana de Oliveira

NARRATIVAS DE VIDA DE ESTUDANTES DA EJA

Trabalho apresentado à Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito de conclusão do curso de Pós Graduação de Especialização em Educação de Jovens Adultos e Educação de Privados de Liberdade.

Orientadora: Prof^a Dra. Darli Collares

**Porto Alegre
Janeiro, 2013**

Salete Luciana de Oliveira

NARRATIVAS DE VIDA DE ESTUDANTES DA EJA

Trabalho apresentado à Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito de conclusão do curso de Pós Graduação de Especialização em Educação de Jovens Adultos e Educação de Privados de Liberdade.

Aprovado em 18 de dezembro de 2012.

Profa. Dra. Darli Collares – Orientadora

Profa. Dra. Aline Cunha – UFRGS

Profa. Dra. Laura Fonseca – Coordenadora do Curso – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me acompanha e me faz forte.

À minha mãe, que se faz presente em meus pensamentos e no meu coração.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, que sempre lançam palavras de apoio.

À minha orientadora, Dra. Darli Collares, que teve paciência e atenção nos momentos em que mais precisei.

À colega Luciane Santiago, pelo companheirismo e amizade durante toda a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de trabalho que me entenderam quando precisei me ausentar.

Saudades. Sinto saudades de tudo que marcou a minha vida. Quando vejo retratos, quando sinto cheiros, quando escuto uma voz, quando me lembro do passado, eu sinto saudades; Sinto saudades de amigos que nunca mais vi, de pessoas com quem não mais falei ou cruzei; Sinto saudades dos que se foram e de quem não me despedi direito! Daqueles que não tiveram como me dizer adeus; Sinto saudades das coisas que vivi e das que deixei passar, sem curtir na totalidade. Quantas vezes tenho vontade de encontrar não sei o que, não sei onde, para resgatar alguma coisa que nem sei o que é e nem onde perdi. Clarice Lispector

RESUMO

Estudar as histórias de vida é fazer parte delas, é sentir o que é contado, e é isto o que me permiti nesta pesquisa: viver as memórias dos estudantes e me aproximar de suas histórias com o objetivo de avaliar, através da análise de narrativas de vida, quais as memórias que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA apresentam referente ao contexto escolar e, ainda, identificar como visualizam a falta da instituição de ensino em suas vidas.

A realização do estudo foi marcada de dois períodos, no primeiro, analiso o relato de três estudantes - um homem e duas mulheres -, que foram meus alunos, em uma escola estadual do Rio Grande do Sul, na Totalidade 2 da EJA. No segundo momento, analiso algumas histórias reunidas na coletânea “Palavra de Trabalhador” publicada pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – SMED.

O trabalho é organizado em quatro categorias; As lembranças da infância; A realidade econômica definindo o distanciamento da escola; A vida como lugar do não aprender e por fim, (Re) encontro com a escola, nas quais analiso, a partir dos relatos de vida, as lembranças que os estudantes trazem de infância.

Como embasamento teórico a pesquisa tem como suporte Paulo Freire, referência na Educação de Jovens e Adultos e Jean Piaget, referência no estudo do desenvolvimento do pensamento, e ainda, sobre histórias de vida, a fundamentação é baseada, em Marie-Christine Josso, entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: EJA – memória de vida - escola

SUMÁRIO

1. O CAMINHO DA PESQUISA.....	08
2. REVELANDO A MEMÓRIA.....	11
3. HISTÓRIAS DE VIDA.....	14
4. OS SUJEITOS DESTA HISTÓRIA.....	16
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	19
5.1 As lembranças da infância.....	19
5.2 A realidade econômica definindo o distanciamento da escola.....	22
5.3 A vida como lugar do não aprender.....	25
5.4 (Re) encontro com a escola.....	30
6. AS MEMÓRIAS DESTA PESQUISA.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1. O CAMINHO DA PESQUISA

Aprender é proceder a uma síntese indefinidamente renovada entre a continuidade e a novidade.
(INHELDER; BOVET; SINCLAIR, 1977, P. 263)

A pesquisa que deu origem a este trabalho foi realizada através de dois momentos. No primeiro, trago algumas histórias de vida narradas por meus alunos de uma Escola Estadual do Rio Grande do Sul, durante a realização do estágio obrigatório de graduação em Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante o segundo semestre de 2009, analiso histórias de vida relatadas pelos jovens e adultos com os quais entrei em contato no período de docência em Educação de Jovens e Adultos – EJA, Totalidade 2, os quais nomeiei Senhora A, de 32 anos, Senhor B, de 42 anos e Senhora Z, de 60 anos.

No segundo momento essas análises são enriquecidas por uma investigação bibliográfica, em obras publicadas pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – SMED, na coletânea “Palavra de Trabalhador”.

A metodologia utilizada como referência para análise das produções textuais é a etnografia, bastante utilizada para estudos na área da educação por pesquisar os fenômenos sociais. Através desse método, procuro me aproximar das histórias, com um olhar investigativo e ao mesmo tempo, sensível.

A pesquisa etnográfica, constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir), impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ECKERT e ROCHA, 2008, p. 2).

Durante a coleta de dados, realizei entrevistas e conversas informais para buscar aproximação, e conhecer um pouco da história de vida de cada estudante e entender quais suas experiências de vida e expectativas com relação ao ambiente escolar, metodologia o que caracteriza a pesquisa etnográfica, segundo esses autores.

A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc (IDEM, p. 1).

Posteriormente, para ampliar o universo investigado e confirmar elementos até então encontrados passei a realizar estudos nas histórias reunidas na coletânea “Palavra de Trabalhador” publicada pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – SMED, para identificar as recordações de infância e a falta da escola para cada indivíduo, buscando verificar como visualizam a falta da instituição de ensino em suas vidas.

Na coleção, faço um estudo bibliográfico dos cadernos, série lançada em 1991, composta por treze periódicos sendo o último publicado em 2004. Os livros reúnem textos produzidos pelos alunos do SEJA – Serviço de Educação de Jovens e Adultos e do MOVA – Movimento de Alfabetização, tendo como objetivo resgatar a palavra do trabalhador, tornando-se um canal para a expressão da sua leitura de mundo e valorização da sua identidade, refletindo o trabalho realizado em sala de aula e o conhecimento elaborado pela comunidade.

Os cadernos possuem entre cem e duzentos e noventa produções dos alunos, das escolas municipais de Porto Alegre. Os textos são individuais ou coletivos, alguns ilustrados pelos próprios alunos, com temáticas abordando a identidade dos estudantes, o contexto histórico, a natureza, o cotidiano, entre outros.

Dentre os inúmeros textos, selecionei dezessete histórias de vida, nas quais mencionavam a escola, buscando subsídios para verificar que relações os estudantes da EJA estabelecem entre a escola e sua história de vida. Os estudantes selecionados encontram-se na faixa etária entre dezesseis e setenta e três anos, sendo quatro com idade acima de cinquenta anos.

Utilizo como método de pesquisa a investigação teórico-bibliográfica seguindo com a intenção de compreender como é o aprendizado mediante a ausência da

instituição escolar, metodologia que é "orientada no sentido de (re)construir teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes. "O conhecimento teórico adequado acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada, capacidade explicativa" (DEMO, 1994, p. 36).

Nos textos, faço uma compilação de informações visando analisar, entender e construir um saber, tendo como hipótese a ideia de que não há como distanciar a pesquisa e o ensino. Para identificar os pontos específicos, que compõem o objeto de estudo de minha pesquisa, organizo o conteúdo dos textos em categorias. São elas:

1. As lembranças da infância;
2. A realidade econômica definindo o distanciamento da escola;
3. A vida como lugar do não aprender;
4. (Re) encontro com a escola.

Como embasamento teórico, para análise dos dados de meus alunos e dos textos da coleção, utilizo-me das obras de Paulo Freire, referência na Educação de Jovens e Adultos e Jean Piaget, referência no estudo do desenvolvimento do pensamento, buscando as aproximações destes autores, que criticavam a educação tradicional e embasavam suas teorias na ação, na conscientização e na autonomia dos educandos.

Sobre histórias de vida, uso como fundamentação, entre outros autores, Marie-Christine Josso (2007), professora da Universidade de Genebra, que tem estudos voltados para a pesquisa-formação articulada às histórias de vida e afirma que há um novo horizonte para estudos teóricos direcionados para educação de adultos, por meio dos quais centraliza a formação no sujeito aprendiz, utilizando em suas referências Paulo Freire. Para Josso, (idem, p. 414) "o trabalho de pesquisa a partir de narração de histórias de vida permite estabelecer ligações entre as singularidades e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social".

2. REVELANDO A MEMÓRIA

É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada. (Buñuel, 2009)¹.

Sem a pretensão de aprofundamento no estudo da memória, que mereceria conhecimentos técnicos para entender seu funcionamento, procuro identificar de uma forma mais ampla o que entendemos e o que alguns autores dizem sobre a memória, especificamente, a memória autobiográfica, que Gauer (2005, p. 13) define ser “a capacidade de recordar conscientemente de experiências individuais vividas no passado”.

Ecléa Bosi (1994), em seu livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, declara que através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo o espaço da consciência.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

O que a autora afirma pode ser evidenciado nas falas das minhas alunas, identificadas como Senhora A, de 32 anos e Senhora Z, de 60 anos de idade:

[...] gostaria muito de mudar meu passado e ter completado meus estudos, mas o que passou não se pode mudar. Por isso é que vou mudar agora, vou fazer o que não pude fazer antes (Senhora A).

[...] com oito anos de idade, iniciava o ano letivo e lá ia eu toda feliz, era meu primeiro dia de aula, é claro que dava um pouquinho de medo, mas o dia a dia com os colegas era muito legal, não tinha brigas, existia respeito. (Senhora Z).

¹ Luis Buñuel, cineasta mexicano, em seu livro semibiográfico “Meu Último Suspiro”.

No livro, Bosi aborda a lembrança das pessoas idosas, que além de possuírem histórias de vida encantadoras, gostam de narrar suas vivências e assim, contando, vão revivendo e ocupando conscientemente o próprio passado. Os idosos relatam suas histórias de forma que conseguimos fazer parte delas, visualizar os ambientes e os personagens inseridos em suas lembranças. Todo indivíduo é portador de histórias únicas, de experiências e saberes individuais.

O depoimento de uma estudante da Coleção Palavra de Trabalhador, o qual menciona que traz na memória momentos de tristeza, confirma o que foi exposto pela autora:

Depois de tantas tentativas de fugir do pai, minha mãe conseguiu com todos nós, 11 irmãos, eu tinha 5 anos de idade, e me recorde de quase tudo, **ficou gravado na minha memória** a brutalidade de meu pai. (SS – 37 anos – T2) grifei

As lembranças ficaram gravadas na memória porque foram significativas, porque a partir delas surgiu aprendizado, algo que marcou a história daquele aluno. No momento em que relembremos, nos conscientizamos de nossas vivências, conforme descreve Josso:

“O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, **permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças**, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para ser um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade” (JOSSO, 2004, p.58). grifo meu.

Quando pensamos na memória relembremos da infância, dos momentos passados, aqueles que ficaram gravados em nossa vida, e é isto que defino como memória: as lembranças, as ações que estão inseridas em nossa história, que fazem parte de nós, nos acompanham desde o dia que surgiram em nossa vida e nos acompanharão até quando tivermos memória.

Nesse sentido, Adriana Falcão (2003), em seu livro de definições descreve que a lembrança é marcada pelo pensamento, sem intencionalidade consciente, de um momento já vivido.

Ivan Izquierdo (2002), estudioso dos mecanismos da memória, a define como “a aquisição, a conservação e a evocação de informações. A aquisição corresponde ao que denominamos habitualmente de aprendizado. Para ter algo de lembrar, é preciso primeiro aprendê-lo. Só nos lembramos daquilo que aprendemos”. Descreve ainda, que:

A maior parte das memórias (das coisas que aprendemos e depois recordaremos) se aprendem de maneira incidental, ou seja, no decorrer da vida, sem que a gente realmente se dê conta (IZQUIERDO, 2002, p.9).

Ainda sobre as recordações, Piaget e Inhelder (1979), analisando os mecanismos da memória das crianças, através de testes com dez reguinhas, concluiu que toda a operação da memória permite uma reorganização, reconstituição, ou reconstrução, conforme descreve:

(...) é uma forma de conhecimento, como outras (um saber ou um saber-fazer), que não se resume ao dado presente, como a percepção, nem à solução de novos problemas, como a inteligência, em sua função específica, mas sim à estruturação e à reconstituição do passado. Ocorre apenas que esta reconstituição é também um problema, cuja solução para o paciente não é automática e eis porque a memória é inseparável da inteligência (PIAGET & INHELDER, 1979, p. 377).

3. HISTÓRIAS DE VIDA

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (Calvino, 1990).

As lembranças guardadas em nossa memória vão construindo nossa história, nos tornando singulares pelas experiências e, mesmo que vivamos as mesmas situações de outras pessoas, sempre haverá diferenças nas percepções. Somos seres únicos e com identidades próprias.

[...] a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. (LARROSA, 1994, p.43).

Contar uma história é revivê-la, é senti-la, é emocionar-se, é trazer para aquele momento, o tempo que ficou retradado na memória, e é desta forma que busco analisar as experiências vividas por alguns estudantes trazendo a sua história para a nossa história, deixando que cada indivíduo apresente-se através de sua lembrança. Para Silva (SILVA, et al., 2007, p. 31) “a experiência de relatar sua história de vida, oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)experimentá-la, re-significando sua vida”.

Para conhecermos alguém temos que aprender a ouvir sua história de vida para, a partir dela, compreendermos quais as conquistas, as angustias e as decepções que fizeram parte de sua trajetória. Relembrar é uma forma de sentir novamente, e a cada lembrança, aprender com aquele momento passado. O professor da Universidade de Sussex, Inglaterra, Alistair Thomson (1997, p. 57) diz que “construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas no convívio social”. O autor declara que as narrativas não são histórias exatas de nosso passado, que ao narrarmos, moldamos os fatos e desejos atuais.

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos **não são representações exatas de nosso passado**, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. (IDEM, 1997, p. 57) (grifo meu).

Neste mesmo raciocínio, Thomson declara que “o processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser” (IDEM)

Josso (2010, p. 130) utiliza-se da corrente pedagógico-biográfica, que se constituiu no fim dos anos 70 e se desenvolveu nos anos 80. Essa corrente tem a particularidade de explorar a abordagem biográfica como instrumento de formação e de pesquisa, partindo das realidades de vida dos aprendentes e destacando a necessidade de integrar ao processo educativo suas singularidades.

Os sujeitos que não foram inseridos no contexto escolar na idade considerada própria possuem aprendizados de vida, através de mecanismos diferenciados. A vivência ensina a aprender, e estudar passa a ser uma utopia em suas vidas duras, sem espaço para sua infância que dá lugar à adultez precoce.

Quando descrevem suas histórias, os indivíduos revivem suas trajetórias. Josso (2010, p. 130) destaca que através do texto biográfico, os sentimentos e emoções veem à tona, revivemos os momentos passados e aprendemos com aquilo que vivemos.

O professor que utilizar as histórias de vida como instrumento de aproximação consegue se inserir no contexto dos estudantes, interagindo e participando de suas vivências e preocupações existenciais. Passa

a trabalhar questões de identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida a identidade individual é, pois, definida a partir de características sociais, culturais, políticas, econômicas, religiosas, em termos de reprodução sociofamiliar e socioeducativa. (JOSSO, 2007, p. 415).

Ainda neste sentido, Josso destaca que:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mudanças sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mudança (IDEM, p. 414).

Aproximação que de fato aconteceu durante meu período de docência. Baseada nas narrações e falas dos educandos foi possível entrar nas suas histórias de vida e entender quais os motivos da ausência da escola:

[...] minha primeira professora se chamava Salete, eu amava estudar, meu pai me tirou da escola e me colocou a trabalhar de doméstica com doze anos de idade. (Senhora A)

[...] aos onze anos de idade, meu pai não deixou mais eu estudar, para ajudar em casa, é um sentimento que guardo comigo [...] (Senhora Z).

[...] quando eu era criança e ia na escola, tinha muitos sonhos, mas de uma hora para outra, os sonhos foram interrompidos [...] (Senhor B)

Paulo Freire (1996) já buscava abordar as formações a partir da história dos aprendizes. É corrente entre os educadores a necessidade de valorizar os educandos a partir do contexto em que eles estão inseridos, valorizando as experiências de cada sujeito. O educador precisa aprender com a realidade de seus alunos, ensinar exige disponibilidade para as questões dos educandos.

4. OS SUJEITOS DESTA HISTÓRIA

Para descrever quem são os sujeitos desta história: três estudantes da EJA que fizeram parte de minha história e com os quais muito aprendi e outros dezessete, anônimos, cujas histórias me fizeram imaginar e também participar de

suas vidas através de suas narrativas. Utilizo a metáfora da borboleta, símbolo do projeto do Serviço de Educação de Jovens e Adultos, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, para expressar o significado do retorno ao ambiente escola.

No início da vida, a lagarta vive num mundo só seu. Se esse ser vive num mundo todo seu, enxerga, mas não vê (olhar crítico); não caminha, se arrasta, titubeia. E o aluno vive uma existência só sua, vê o mundo com a inexistência das letras, lê sem a existência da leitura, caminha, mas uma caminhada que não tem chegada; estão no mundo, mas não fazem parte dele. No momento em que esse aluno descobre que existem outras leituras, que pode ver com outro olhar, que pode expressar de diferentes maneiras, que pode criticar, tornar-se cidadão do mundo, ele voa, voa como borboleta ao sair do casulo. A princípio, meio titubeante, depois com segurança e com muita certeza de ser e de existir, mas tudo a seu tempo, conquistando a liberdade (POA/SMED, 1999, p.77).

São lagartas que durante a infância tiveram que viver com o que a vida lhe oferecia, em seu mundinho, apenas esperando o tempo passar e quando se transformam em lindas borboletas, passam a viver e voar livres e sonham em resgatar o que ficou para trás, como os depoimentos dos meus alunos:

A coisa que mais eu tenho mágoa na minha vida é que meus pais me tiraram da escola para fazer comida e cuidar dos meus irmãos. Tu *acredita* que eles fizeram isso comigo? (Senhora A).

Hoje voltei à escola e estou muito feliz. (Senhora Z)

[...] quando eu era criança e ia na escola, tinha muitos sonhos, mas de uma hora para outra, os sonhos foram interrompidos[...] (Senhor B)

A seleção dos três estudantes participantes desta história foi decorrente da semelhança das vivências e a visão que têm do papel da escola, “todos cursaram a escola até a terceira série do ensino fundamental e deixaram os estudos por questões familiares e principalmente financeiras” (OLIVEIRA, 2009, p. 29).

Todos buscavam na EJA resgatar o tempo perdido, preocupavam-se em aprender e compreender as atividades, apropriando-se das informações que segundo eles, faziam falta em suas vidas. Os olhos brilhando para cada atividade realizada com êxito e a tristeza nos momentos em que erravam alguma questão. A alegria da Senhora Z, que chegava radiante por estar ali, lugar onde foi privada de

participar, por ter que trabalhar precocemente, motivava qualquer educador, assim como o orgulho de ter retornado à sala de aula e ter seus três filhos estudando:

“Eu não pude estudar, mas meus filhos, sim”. (Senhora Z)

O Senhor B, cantor de músicas sertanejas, possui uma empresa de instalação de muros e grades, uma firma, como ele descreve. A necessidade da aprendizagem escolar é bastante percebida por este sujeito, pois não é fácil administrar um negócio sem ter frequentado os bancos escolares. Ele mencionava que tinha vergonha e, ao mesmo tempo, medo de ser passado para trás em seus compromissos profissionais. Essa necessidade é que o fez retornar à escola.

A desistência dos estudos foi decorrente da desestrutura familiar. Quando seus pais se separam se teve que auxiliar a mãe a cuidar de seus oito irmãos, semelhante ao caso da Senhora Z, que aponta como fator principal do distanciamento da escola, a dificuldade financeira.

Por fim, trago um pouco de mais um sujeito desta história, a Senhora A, que demonstrava revolta por ter sido retirada da escola e não ter concluído os estudos no tempo considerado próprio, como relata:

Quando eu tinha doze anos, estava na terceira série, meu pai me tirou da escola e me colocou a trabalhar de doméstica (Senhora A)

Para meu pai e minha mãe, estudo não era importante, tiveram seis filhos e nenhum completou os estudos (Senhora A).

Ao ouvir a história da Senhora A, foi possível identificar um pouco de minha vida, pois para minha família, a educação era aquela que tínhamos em casa, o importante era ter um emprego e desta forma, sobreviver. A visão de que a educação transforma e abre caminhos para a mudança não estavam presentes em meu cotidiano, tanto é que dos meus oito irmãos, nenhum completou o ensino médio, e sou a única a concluir um curso superior.

O que difere nossas histórias, é que não guardo mágoa de minha família porque não valorizaram a escola como necessária para o crescimento. Acredito que

as dificuldades que viviam eram muito maiores, era o que o mundo lhes apresentava, um mundo sofrido que a sobrevivência era a única meta. Para eles, o destino era ser lagarta, como ousar em sonhar transformar-se em borboleta.

Atualmente com dois filhos, busca mostrar-lhes a importância da escola e promete que oportunizará a eles o que não lhe foi oferecido. A Senhora A também sofreu muito, fugiu de casa com quinze anos de idade. Ter que retornar à escola tornou-se mais uma questão de honra, de provar que é capaz, para si e para aqueles que lhe privaram de estudar durante a infância.

Os sujeitos desta história são frutos da desigualdade social; das dificuldades financeiras; de famílias numerosas, que não tinham condições de trabalhar e estudar e que ignoravam a escola como oportunidade de crescimento; que ainda foram inseridos precocemente no mundo do trabalho, ao trabalho infantil, que nega a criança e seu tempo; que se tornaram adultos antes mesmo de deixarem de ser crianças; que pularam etapas e que buscam, desesperadamente, resgatá-las; enfim, que tornaram-se borboletas e querem voar alto pelo céu do conhecimento.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Passo agora a analisar as quatro categorias criadas a partir da análise dos relatos e textos dos estudantes, iniciando pela narrativa de vida, na qual caracterizo as maneiras como cada indivíduo transmite suas vivências.

5.1 As lembranças da infância:

Para Jovchelovitch e Bauer (2002), é por meio da narrativa que as pessoas lembram o que aconteceu, colocam as experiências em uma sequência, encontram possíveis implicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

A maneira como narramos nossas histórias nos permite revivê-la e readaptá-la para aquilo que vamos transmitir ao outro. Através da narração damos a intenção que queremos, ou de sofrimento, ou de superação, ou de comédia, organizamos nossa história da forma que queremos que os outros nos percebam.

Nesta categoria apresento narrativas como as falas das estudantes AC e JF que evocam a infância, com suas alegrias e tristezas, sem, no entanto, fazer referências à escola.

Quem sou eu? Meu nome é Ângela, nasci no interior de Bagé em um povoado chamado Pedras Altas, hoje município. Criada por meus avós maternos. Minha infância foi maravilhosa, eu acho que qualquer criança gostaria de ter tido a minha criação.
(AC – 29 anos)

Essa é a vida de uma menina órfã que foi criada pela avó até os oito anos. Aí foi para a rua onde vivia junto com outras crianças os anos se passaram ela cresceu enfrentou todos os perigos ela encontrou pessoas que ajudaram
(JF – T1)

O enfoque que damos na narrativa é o que vai transmitir ao outro como nos vemos e como gostaríamos que nos vissem. A primeira estudante, narrou sua infância e focou as boas lembranças, assim, o leitor visualiza momentos bonitos, saudáveis. Não que ela não possuísse dificuldades, mas focou aquilo que acredita ser o mais relevante.

Na segunda história, é ao inverso. O enfoque é uma infância sofrida, mas certamente aconteceram momentos felizes, talvez aquelas que a fizeram sofrer fossem mais traumáticas e, por isso, foram valorizadas.

O que quero dizer é que nas narrações, direcionamos os sentimentos para aquilo que queremos passar. Muitas vezes, dramatizamos a situação para envolver mais nossos ouvintes.

Nas narrativas o autor mistura o passado, com o presente e o futuro, inicia narrando no passado e encerra com os anseios por aquilo que ainda está por vir:

Eles falam de sua própria história percebendo-se como sujeitos da ação num determinado contexto, a partir do qual relacionam com a atualidade e com todas as informações adquiridas posteriormente, dando um novo sentido para o vivido, ou seja, re-significando e construindo-reconstruindo a própria identidade, num movimento constante de metamorfose. (HOSSEIN, 2009, p. 1542)

Isso pode ser constatado nos seguintes trechos:

E o tempo foi passando e eu cada vez tendo mais responsabilidade e trabalhando cada vez mais; tive que esquecer os estudos. Porém, hoje que já trabalhei bastante estou mais madura consigo conciliar trabalho estudo pois meu horizonte está mais amplo e consigo saber meus deveres e direitos para com todos.
(MC – 51 anos – T2)

(...) quero terminar este relato de minha vida deixando um conselho para você pai ou você menino menina que parou de estudar continue estudando pois um dia você vai achar falta do estudo e você pai não deixe seu filho parar de estudar porque lugar de crianças é na escola não no serviço.
(PF – 38 anos – T1)

Além disso, enfatizamos nossas crenças e desejos, nos mostramos através da narração, como se o leitor estivesse nos ouvindo. A fé que nos acompanha é exposta para que o leitor conheça o essencial e o que nos move e fortalece.

(...) meus filhos e eu temos muita fé no pai velho lá do céu, sei que ele não vai nos desamparar.
(AS – 41 anos – T2)

Vou à igreja e agradeço a Deus que abriu meus olhos para ter mais sabedoria.
(HS – 69 anos – T2)

Ao contar sua história, os estudantes revivem e verificam qual seu papel como sujeito, visualizam aquilo que viveu e promovem a modificação daquilo que não mais lhes serve, ou seja, adaptam-se ao novo a partir de suas experiências e aprendizagens de vida. Nesse contexto, Freire (1988) destaca:

Na objetivação transparece, pois, a responsabilidade histórica do sujeito: ao reproduzi-la criticamente, o homem se reconhece como sujeito que elabora o mundo; nele, no mundo, efetua-se a necessária mediação do auto-reconhecimento que o personaliza e o conscientiza como autor responsável de sua própria história. (FREIRE, 1988 p. 17).

De lá para cá melhorou muito, se ganha um pouco mais, continuo ajudando minha mãe porque sou muito de ajudar as pessoas que precisam. (RO – 38 anos)

Ainda para Freire (1996), o sujeito, ao constar-se, se torna apto para modificar a realidade, através das vivências percebe-se participante da história e desta forma, possui atribuições para reescrevê-la.

No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. (...) Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (FREIRE, 1996, p.77)

5.2 A realidade econômica definindo o distanciamento da escola

Nas narrações, um dos fatores que causaram o distanciamento da escola durante o período considerado próprio foi atribuído à realidade econômica e à necessidade de sobrevivência, que sobressaía ao conhecimento escolar e à preparação para o futuro, ou seja, a realidade de que para viver era necessário trabalhar e ajudar no sustento da família.

Esta é a outra categoria que busco evidenciar: a realidade econômica que definia e ainda define o distanciamento da escola. Como fica claro nos depoimentos abaixo:

(...) Minha infância foi muito boa, apesar de passar muito trabalho e pobreza. Eu não freqüentei as aulas na minha infância, porque não tinha acesso. (...) eu tinha que ir para a roça, lavar roupa, limpar a casa e para mim não sobrava tempo. (JT – 69 anos – T1)

Quando eu era menino, meus pais não tinham condições de pagar os estudos para mim, pois eu tinha que trabalhar para *ajudar eles*. (AA – 63 anos – T1)

Nesse sentido, fica claro que o trabalho infantil definiu a vida dos sujeitos desta história. A luta pela sobrevivência era a principal razão para a inserção no mundo do trabalho precocemente. A divisão do trabalho, motivada pelo capitalismo e pela desigualdade social, foi determinante para que crianças fossem afastadas das escolas, como se constata a seguir:

O trabalho infantil está presente desde a Revolução Industrial. O surgimento da máquina, comandando e substituindo o trabalho realizado pelo trabalhador, e a extrema concorrência entre empresários que procuram produzir mais com menor custo, vão possibilitar o aparecimento de emprego mão de obra infantil. (COSTA e CALVÃO, 2005, p. 135)

Minha vida de trabalho, meu primeiro emprego foi na casa de um vizinho, tinha 6, quase 7 anos, não tinha constrangimento do meu serviço, porque foi muito importante para mim, ali fiquei por muito tempo, meu salário não era grande coisa, **mas para uma criança** estava muito bom.
(PB – 26 anos – T3)

Sou filha de um casal do interior, meus pais tiveram 8 filhos: 4 meninos e 4 meninas. Aos 10 anos tive que parar de estudar, fui ser babá, trabalhei muito, assim não pude realizar meu sonho: ser psicóloga.
(AS – 41 anos – T2)

Eu parei de estudar na 3ª série. Eu e minha irmã mais velha, fomos trabalhar para ajudar minha mãe e meus irmãos. (...) Naquela época não existia luz, era lampião. A água nos tinha que carregar de balde tinha que se fazer fila para conseguir um pouco de água.
(HS – 45 anos – T2)

O mundo do trabalho não abre espaço para a infância, anula etapas e faz com que a criança torne-se adulto antes mesmo ser de criança, antes de brincar, de imaginar, de criar. Torna a criança como mini adulto e faz com que tenha responsabilidades no momento em que está se descobrindo, conhecendo e explorando o mundo. A criança que não frequenta a escola é impedida de participar de um importante meio tanto para compreender o mundo, a si mesmo e aos outros, quanto para expressar essa compreensão.

Se o trabalho infantil, por um lado, compromete seriamente o desenvolvimento físico e intelectual da criança, por outro, impetra a morte da vida infantil, ou seja, inviabiliza o viver a infância, o que revela uma das muitas contradições da ordem vigente. (IDEM, 2005, p. 131)

(...) não tive nenhuma chance de estudar, pois tinha que trabalhar.
(PF – 38 anos – T1)

Comecei a trabalhar cedo, me casei precipitadamente, aos 15 anos, parei os estudos por causa de meu casamento e de meu primeiro filho. (AC – 29 anos – T2)

Além disso, a criança que trabalha deixa de participar daquilo que é essencial para seu conhecimento e crescimento: brincar. Piaget (1973) diz que tanto a brincadeira como o jogo são essenciais para o processo de aprendizagem, que as

atividades lúdicas são efetivas para o desenvolvimento intelectual da criança, porque quando jogam, assimilam e transformam a realidade.

Através da brincadeira a criança apresenta capacidade de criar, imaginar, confiar em si mesma, e desenvolver-se com maior autoestima social e intelectualmente.

Neste contexto, Fortuna, descreve a importância de brincar:

Mesmo sem a intenção de aprender, quem brinca aprende, até porque se aprende a brincar. Como construção social, a brincadeira é atravessada pela aprendizagem, pois os brinquedos e o ato de brincar, a um só tempo, contam a história da humanidade e dela participam, diretamente sendo aprendidos, e não uma disposição inata do homem. (FORTUNA, 2007, p. 21)

De acordo com Piaget (1975), o brincar é muito mais que simples diversão, o jogo simbólico possui valor essencialmente funcional. As manifestações lúdicas acompanham o desenvolvimento da inteligência assim como o cognitivo, o que é diretamente conectado ao desenvolvimento da criança.

No momento em que o trabalho ocupa este espaço, a criança perde a fase de estímulo da inteligência, o exercício da concentração e imaginação, através da brincadeira, a criança possui possibilidade de relacionar-se melhor com a sociedade e desenvolver-se cognitivamente e ainda, criar oportunidades de crescimento e amadurecimento, porque durante o brincar, a criança apropria-se da vida adulta imitando-a entendendo-a.

Trabalhar na infância é desprezar a fase de ser criança, é deixar de socializar e interagir, de experimentar e criar. É tornar-se adulto precocemente e ter que aprender com o mundo sem ter tido chance de imaginá-lo, é conhecer sem ter oportunidade de aprender, é viver mecanicamente, é chegar num ambiente em que não há tempo para imaginar e que cada indivíduo luta por sobreviver.

Lembro muito de minha infância, eu fui judiada e não tive infância de boas lembranças. Desde pequena tive de trabalhar muito com minha mãe e meus seis irmãos.
(MD – 73 anos – T1)

Ao completar 7 anos comecei a estudar precariamente, a mãe não tinha condições de nos dar calçados, roupas, materiais escolares, a gente ia para a escola de pé no chão (descalço). A roupa rasgada, cheia de remendos, a gente não tinha moradia certa, a escola ficava muito longe, tinha que atravessar matagais para chegar até a escola.

(SS – 37 anos – T2)

Nesse contexto, trago as palavras de Freire (1977) que fala sobre a educação problematizadora, e parte da ideia de que o processo de aprendizagem é eficaz quando nos apropriamos do aprendido e somos capazes de recriá-lo. E acredito que este é o déficit dessas crianças que trabalham, no momento em que deixam de ter infância, de ser sujeitos e passam a ser objetos, mão de obra barata.

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendizado, transformando-o em aprendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-aprendido a situações existenciais concretas (p. 27-28).

Observei que nas narrativas desta categoria que a perda da infância fica marcada no destaque que os estudantes dão à idade em que tiveram que abandonar a escola e a começar a ajudar no sustento da família, em especial, de seus irmãos mais jovens.

5.3 A vida como lugar do não aprender

A terceira categoria que busco evidenciar é devido ao fato de que muitos relacionam a aprendizagem apenas ao aprendido na escola, ignoram ao fato de que aprendemos constantemente, cada atividade que praticamos no cotidiano são aprendizagens, através da observação ou da troca de experiências, conseguimos realizar muitas tarefas e isto para mim, é aprender. Estes indivíduos que “em suas trajetórias de vida foram se constituindo como sujeitos e construíram suas aprendizagens nas relações de família, de trabalho e no mundo” (CERONI, 2011). A aprendizagem é uma necessidade do ser humano e ocorre independente da escola, a educação se dá ao longo da vida.

Os estudantes da EJA trazem bagagens repletas de aprendizagens, experiências e vivências, tudo o que passaram em suas trajetórias são momentos

ricos de conhecimentos. A diferença é que não sentaram nos bancos escolares para conhecer as técnicas educacionais, não tiveram oportunidade de montar contas de divisão com as regras formais, aprendidas na escola, mas fazem “cálculos de cabeça” pela necessidade que a vida lhes impôs.

Há diferentes formas de conhecimento: não há um saber em geral, nem ignorância em geral. Sabemos algo de um certo sistema de conhecimento. O conhecimento é sempre a trajetória de um ponto de ignorância específico para um ponto de saber específico. E, portanto, há diferentes ignorâncias como há diferentes formas de saber (SANTOS, 1996, p. 1)

Acredito que o papel da escola não está claro para muitos, a escola está separada da vida, são aprendizagens diferentes e não se relacionam entre si, por isso os alunos da EJA não valorizam as suas experiências e menosprezam seus conhecimentos:

Os jovens e adultos trabalhadores trazem, para o interior do espaço escolar, uma multiplicidade e uma riqueza de saberes que quase nunca ousam externar por considerá-los inadequados, sem valor, ou mesmo equivocados. (RUMMERT, 2005, p. 126)

Como negar a bagagem de aprendizagens que o aluno traz em sua história de vida. Quanto conhecimento deve adquirir para sobreviver sem os conhecimentos escolares:

Meu segundo emprego foi como ajudante de montador de câmara frigorífica. Trabalhei na montagem por um ano como ajudante, depois fui promovido como montador, gostava do que eu fazia, tinha um bom salário, dava-me muito bem com meus colegas de serviço, permaneci como montador por cinco anos, viajando por quase todo o Brasil. (PB – 26 anos – T3)

Aos 16 anos tive que vir para Porto Alegre para trabalhar, isso foi no ano de 1957. Chegando em Porto Alegre comecei a trabalhar, nesse meio também comecei a estudar mas não consegui conciliar estudo e trabalho. (MC – 51 anos – T2)

Lembro da frase de que “a vida ensina a viver”, e penso que todos possuem condições de viver mesmo sem ter frequentado a escola. Mas então qual o papel da escola? Qual a real necessidade desta instituição de ensino?

Segundo Delval (2002), a escola nasceu para que fossem repassados os conhecimentos culturais, os conhecimentos que eram transmitidos por contatos

entre os adultos, passam a ser ensinados de forma específica, devido ao acúmulo de conhecimentos de alguns.

Assim surge a escola, que aparece em todas as sociedades que alcançaram um certo nível de acumulação econômica que permite a existência de indivíduos que não são diretamente produtivos e possibilita uma acumulação cultural ampla que exige que tais conhecimentos sejam transmitidos a outros indivíduos, conhecimentos que todos mais detêm. (DELVAL, 2002, p. 19)

(...) conheci umas pessoas que me ajudaram com o tempo, ai o tempo passou encontrei um amigo que falou que ia me dar uma caixa de engraxate que com o tempo trabalhei até quando fui roubado depois disto sofri e passei muito frio (GB – 16 anos – T1)

Penso que a escola tem o papel de ensinar a pensar, de desenvolver o lado intelectual dos indivíduos, infelizmente esta atribuição não está plena em sua função, uma vez que a maioria das escolas tornaram-se conteudistas e a principal preocupação é passar os conteúdos, sem que os alunos possam refletir sobre o que é estudado, o que Paulo Freire define por educação bancária, assim como Piaget descreve como repetição, doutrinação: o estudante repete sem compreender, embora somente se faça bem o que se compreende (BECKER, 2010).

Vê-se que Freire aproxima-se de Piaget: o homem só compreende bem aquilo que faz, e só faz bem o que compreende: fazer e compreender (Piaget) equivale a agir e refletir (Freire), desde que dialeticamente entendidos; tomada de consciência (Piaget) e processo de conscientização (Freire) são processos parecidos, talvez quase idênticos, sobretudo no que têm de atividade criadora e inventiva, desde que entendidos como função da ação do próprio homem e não de um ensino unidirecional ou de uma repetição, doutrinação. (BECKER, 2010, p. 18)

A falta de propostas que promovam formas de pensar sobre algo e o predomínio da mera execução nas atividades realizadas pelos estudantes da EJA resulta numa deficiência significativa de aprendizagem: aprenderam mecanicamente, o que acredito que reflita na dificuldade enfrentada por eles no retorno à escola. Os conhecimentos escolares não possuem relações às experiências aprendidas fora da escola. O distanciamento da escola e do cotidiano dos estudantes da EJA passa a ser aumentado, por sua experiência de vida, daquele vivido pelas crianças que frequentam a escola e cuja distância entre a aprendizagem escolar e o seu cotidiano é destacado em várias reflexões, como as que encontramos nas obras de Freire.

Freire (1992), diz que nas escolas deveria acontecer encontro de saberes dos estudantes e dos saberes escolares, como menciona no seguinte trecho:

Podemos ainda imaginar o que poderá a escola aprender com o que poderá ensinar a cozinheiras, a zeladores, a vigias, a pais, a mães, na busca da necessária superação do “saber da experiência feito” por um saber mais crítico, mais exato, a que têm direito. Este é um direito das classes populares que progressistas coerentes têm que reconhecer e por ele se bater – o direito de saber melhor o que já sabem, ao lado de outro direito, o de participar, de algum modo, da produção do saber ainda não existente [...] (Freire, 1992, p. 111).

Nesse sentido, trago as falas de estudantes que foram obrigados a optar pela vida fora da escola, conscientes da falta do papel do aprendizado escolar.

E o tempo foi passando e eu cada vez tendo mais responsabilidade e trabalhando cada vez mais; tive que esquecer os estudos. Porém, hoje que já trabalhei bastante estou mais madura consigo conciliar trabalho estudo pois meu horizonte está mais amplo e consigo saber meus deveres e direitos para com todos.
(MC – 51 anos – T2)

Eu fui jornalista. Fui papeleiro, fui vagabundo. Fui vender jornal, dormir na rua. Passei fome e frio, mas nunca roubei. Nunca fui no colégio. Sou analfabeto. Não sei ler nem escrever.
(CS – 49 anos – T1)

(...) com a morte de minha mãe e de meu irmão, foi aí que deu tudo errado para minha vida, como meu pai querer dar em mim de facão, ele me colocou para a rua, passei tempos ruins como fazer mal para as pessoas, roubar bolsas e fazer coisas que eu nunca pensei em fazer um dia.
(AS – 16 anos – T2)

Percebe-se que a valorização da escola é sempre presente nos estudantes da EJA, que se sentem excluídos por não compartilharem deste aprendizado. Quando relatam suas vivências, menosprezam seus aprendizados de vida. Não levam em conta quanta coisa aprenderam para sobreviver. Para ser um jornalista, por exemplo, é necessário aprender a fazer cálculos, divulgar o produto, dialogar com os clientes, organizar, cumprir uma rotina; são formas de aprender que não são valorizadas por estes sujeitos e por muitos outros que frequentaram normalmente a escola.

Paulo Freire (2000) defende que os saberes que os alunos trazem para a escola sejam valorizados:

Não devemos jamais subestimar ou negar os saberes de experiências feitas, com que os educandos chegam à escola ou aos centros de educação informal [...] Subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista [...] (FREIRE, 2000, p. 85).

O fato é que a escola tem um importante papel, o qual normalmente as aprendizagens cotidianas não conseguem que é ensinar a pensar, fazer com que os sujeitos tornem-se críticos e transformadores. As experiências de vida são ricas, sobrevive-se sem a escola. No entanto, a instituição escolar vai muito além do que apenas ensinar a ler e a escrever. A convivência com os outros, os valores morais, a disciplina, o respeito, as regras sociais estão inseridas no ambiente escolar e constituem relações sociais determinantes para a aprendizagem, da humanização dos sujeitos. Freire fundamenta:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1988, p.78)

Ainda sobre a disciplina que o ambiente escolar propicia, Collares (2003), ao relatar sua experiência na atividade docente, menciona PIAGET (1998), o qual destaca que a compreensão da liberdade é baseada em normas previamente acertadas, através de respeito e cooperação:

Mas é preciso compreender que a liberdade, oriunda da cooperação, não é anomia ou anarquia: ela é autonomia; ou seja a submissão do indivíduo a uma disciplina que ele mesmo escolhe e para a constituição da qual ele colabora com toda sua personalidade. PIAGET (1998, p. 154)

Normas essas que a instituição escolar deve promover aos estudantes, através de respeito e acertos prévios, onde todos são protagonistas de um grupo que atua em conjunto e com liberdade.

Os depoimentos dos estudantes, nesta categoria, nos permite salientar a significativa perda que a falta da escola promoveu. Aliado a isso, a ideia de que só na escola se aprende, a vida passa a ser lugar do não aprender.

5.4 (Re) encontro com a escola.

(...) apesar de todas as dificuldades cotidianas, ainda veem a escola com o olhar da esperança. Esperança de “alcançar um nível melhor perante a sociedade”; de obter “conhecimentos para poder lutar pelos direitos”; de tornar-se “o exemplo da família”; de melhor compreender a vida. (RUMMERT, 2005, p. 118)

Por fim, a quarta categoria que destaco é referente ao retorno à escola, muito se fala sobre o que leva os jovens e adultos a retornarem ao ambiente escolar, quando já possuem suas famílias estruturadas, com filhos, netos, possuem suas casas, um trabalho, enfim, já conseguiram e conseguem manter-se sem a educação escolar. A dúvida é: o que leva esses sujeitos retornarem às escolas?

Hoje sei a falta que faz o estudo por isso quero dar o que não tive para meus filhos
(PF – 38 anos – T1)

(...) hoje vivo melhor, tenho uma família e posso estudar.
(MD – 73 anos – T1)

Busco refletir através de alguns relatos, sobre a falta que a escola faz, por que é tão importante fazer parte deste ambiente. A leitura de mundo já é presente na vida destes indivíduos, resta à incompletude da leitura da palavra.

E hoje, com 69 anos, tive vontade de estudar para poder assinar meu nome e aprender a ler. Então conheci o Mova e estou muito feliz. (JT – 69 anos – T1)

Agora resolvi a estudar, pois me faz muita falta. Depois mesmo de adulto resolvi a estudar mais um pouco.
(AA – 63 anos – T1)

Através dos depoimentos percebi que um dos motivos do retorno à escola, é devido à necessidade de melhorar de vida, de encontrar um emprego melhor, de fazer parte de um mundo letrado, além do resgate do tempo perdido. Para muitos, é uma forma de recomeçar, mesmo que tardiamente, momento de aprender e conviver com o novo, e participar ativamente da sociedade, não como observador, mas como participante:

Agora eu moro com minha irmã na Lomba do Pinheiro, estou estudando na turma T2, quero terminar o primeiro grau para melhorar e ter tudo que eu não tive.
(AS – 16 anos – T2)

Para mim, as professoras são pessoas muito importantes em nossas vidas, porque elas têm a responsabilidade de nos ensinar a ler e escrever para que possamos ter uma vida mais digna.
(SS – 28 anos – T2)

O ensino da linguagem escrita é um saber historicamente atribuído à escola, mas o papel da escola é muito mais amplo, é através da escola que o sujeito encontra a possibilidade de socialização e de humanização, o ambiente escolar contribui ainda para a capacitação e segurança dos indivíduos, como podemos observar nos seguintes relatos:

Estou contentíssimo com esta grande porta que se abriu; o SEJA, e com todos os professores do sistema. Eu agradeço o SEJA, aos professores, a oportunidade de voltar a estudar, de evoluir, crescer, desenvolver socialmente e culturalmente.
(SS – 37 anos – T2)

(...) Hoje me sinto feliz, por estar estudando em sala de aula e ter colegas, uma coisa que eu nunca tive antes. Quero terminar o 1º grau, para ter um emprego melhor, para dar o melhor para meus filhos e uma alegria para meu marido, por eu ter realizado um sonho.
(MC – 35 anos – T3)

Eu me sinto realizada por ter a oportunidade de estudar no CMET Paulo Freire, porque eu nunca pensei que com a minha idade pudesse voltar a estudar. Estou muito feliz de estar estudando, me sentindo até mais jovem, porque estou aprendendo.
(HS – 69 anos – T2)

Retornar à escola significa reconquistar o tempo passado, recuperar a baixa autoestima; significa superar as dificuldades, vencer os medos. A decisão de retornar à escola, não é uma escolha fácil. A inserção em um novo ambiente, agora muito diferente daquele em que conhecia ou imaginava, conhecer novas pessoas,

novas aprendizagens, muitas vezes ser desacreditado pela família ou zombado pelos outros estudantes, significa ter coragem para novos desafios.

Reencontrar os bancos escolares, na idade adulta, no meu entendimento, é uma decisão muito importante, é a mostra de que de fato esses indivíduos venceram e quebraram as barreiras, superaram os medos e mantiveram a esperança.

Sonhava sempre em me formar, seguir uma carreira. Mas as coisas para mim sempre acabavam se tornando difícil. (...) Acho que talvez, um dia eu possa realizar meu maior sonho: ser uma fotógrafa profissional de turismo. Poder fotografar lugares pitorescos, museus, cidades, paisagens; principalmente paisagens. Minha terra natal tem uma paisagem linda. E esta é a minha história e meu sonho ainda não realizado, mas um dia eu vou chegar lá!
(AC – 29 anos – T2)

Guardo comigo, ainda hoje, este desejo, só não sei se vou realizar, mas não desisto. Carrego comigo um pouco desta psicóloga. Hoje com 41 anos estou estudando, talvez não chegue lá, mas o que estiver no meu alcance farei o que puder para chegar lá. Estou escrevendo pela primeira vez sobre os meus sonhos, sonhos que sempre tive e nunca falei.
(AS – 41 anos – T2)

Nesse sentido, entendo que a esperança é o que nos move, como seres incompletos, como afirma Freire: “sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desafora, se desendereça e se torna desesperança [...]” (FREIRE, 2000, p.11).

Entendo ainda, que além da lacuna da aprendizagem escolar, e dos benefícios que este ambiente traz para cada indivíduo, o que torna esses sujeitos incompletos é a ausência de memórias escolares, memórias de aprendizagens, de socialização propiciada pela escola, a carência na história de cada um, dessa etapa que foi suprimida em suas vidas, e buscam resgatá-las e construir memórias da escola em suas vidas.

6. AS MEMÓRIAS DESTA PESQUISA

Como já referido, na memória conservamos o que aprendemos. Durante a realização desta pesquisa, muito aprendi e muito ficará na minha memória: as pessoas com quem interagi e também aquelas que conheci apenas através de seus relatos. Com lacunas em comum, na ausência da escola em suas vidas, ensinaram-me sobre a importância da escola na vida das pessoas, em especial, no tempo de criança.

Na vida, sem a presença da educação escolar, incompleta pela carência desse ambiente necessário para a formação dos indivíduos, sobreviver foi o foco desses sujeitos que desde cedo tiveram que batalhar para ter o que comer e onde dormir. São histórias tristes, porém através delas podemos perceber que a escola ainda possui um importante papel para esses que retornam aos bancos escolares com brilho nos olhos e esperança de uma vida melhor.

Através das narrativas de vida, conclui que muitos educandos não se lamentam por suas histórias de privações, ao contrário, mostram-se fortes para enfrentar o novo, o ambiente escolar e sentem-se capazes de aprender o que a escola tem a ensinar, sem medo de viver novas experiências e conhecer o ambiente escolar. É certo que trazem marcas de vida, o que acredito que os tenham fortalecido, e faça com que sejam vitoriosos, pois apesar do tempo tardio, buscam começar de novo e fazer um novo começo.

Verifiquei nesta investigação que o fator relevante para a desistência da escola para estes indivíduos foi a realidade econômica, que fez com que a deixassem, ou nem mesmo frequentassem uma, para ajudar em casa, ou trabalhar para fora para ajudar aos pais. Desde cedo, tiveram que trabalhar, e pularam a etapa mais importante da formação dos indivíduos, que é ser criança. Perderam a oportunidade de criar, de inventar, de imaginar, de brincar.

Aprenderam muito, é claro, porque a vida é um lugar de aprender, embora não demonstrem consciência disso. Porém a vida mostrou-lhes o lado adulto, sem ao menos os ter preparado, impondo-lhes a necessidade de fazer, sem deixar com que entendessem como e por que, sem direito à escolha, aos sonhos ou a recusas. Aprenderam na tentativa e no erro, sendo ensinados pela vida da maneira mais dolorosa.

Acredito que um dos motivos da busca pelo (re) encontro com a escola: o entusiasmo de pertencer a um grupo. Representa um resgate de etapa de vida, de mostrar capacidade, de possuir mais autonomia, enfim, de ser cidadão.

A partir deste estudo, entendo, como principal motivo para o retorno à escola, a busca da memória da escola, de pertencimento a este contexto. Memórias que eram distantes ou inexistentes passaram a ser próprias. Mesmo que a escola tenha modificado, persiste a necessidade de entrelaçar as experiências de vida com a educação escolar.

REFERÊNCIAS:

BECKER, Fernando. *O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da ação à operação*. Rio de Janeiro. Vozes, 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUÑUEL, Luis. *Meu Último Suspiro*. Cosac Naify, 2009

CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

CERONI, Denise Costa. *A educação de adultos maduros e idosos: aprendizagens escolares construídas e compartilhadas no Grupo Revivendo a Vida*, Porto Alegre, 2011.

COLLARES, Darli. *Epistemologia genética e pesquisa docente: estudo das ações no contexto escolar*. Lisboa, Instituto Piaget, 2003.

COSTA, Dora Henrique; CALVÃO, Lea. *Trabalho infantil*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

DELVAL, Juan. *Crescer e pensar: a construção do conhecimento na escola*. Porto Alegre. Artmed. 2ª ed., 2002.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia: Saberes e Práticas*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

FALCÃO, Adriana. *Pequeno dicionário de palavras ao vento*. São Paulo: Planeta, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

FORTUNA, Tânia Ramos. Brincar é aprender: a brincadeira e a escola. *Marista Sul*. Revista da Província Marista do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, ano 7, número 31, maio/ago. 2007, p. 20-21.

HOSSEIN, Tatiana Spíndola. *O sujeito singular-plural – narrativas de vida, identidade, docência e educação continuada do professor*. X Salão de Iniciação Científica, PUCRS, 2009.

INHELDER, Bärbel; BOVET, Magali, e SINCLAIR, Hermine. (1974). *Aprendizagem e estruturas do conhecimento*. São Paulo: Saraiva, 1977.

IZQUIERDO, Ivan. Memória. Porto Alegre. Artmed, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Porto Alegre: Cortez, 2007, p. 413-438).

JOVCHELOVITCH, S. e BAUER, M.W. A entrevista narrativa. In: BAUER, M.W. e GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

LARROSA, Jorge. Estudar. *Oficina escrita e experimentação*. DIF/Grupo de Currículo de Porto Alegre, UFRGS, 2003 [impresso].

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n° 19, jan/abr. 2002, p. 20-28.

LISBOA, Cassiano Pamplona. *(Re)contando histórias: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida*. Porto Alegre, 2007.

MACEDO, Neusa Dias de. *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa*. 2ª Ed. Revista. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

OLIVEIRA, Maria Marly. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, Vozes, 2007.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro. Zahar, 1975.

_____ & INHELDER, B. *Memória e inteligência*. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

RUMMERT, Sonia Maria. *Jovens e adultos trabalhadores e a escola: a riqueza de uma relação a construir*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

SANTOS, B. de S. Hermenêutica diatrópica. Pela democratização do conhecimento. Entrevista Jurandir Malerba. *Registro*. UFOP, ano 3, n° 5, mar/ago. 1996 – Caderno Especial.

SILVA, Aline Pacheco e outros. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. *Revista Mosaico: estudos em psicologia*, I (1), Belo Horizonte: UFMG. www.fafich.ufmg.br/mosaico. Acesso em: 12 de agosto 2012.

SIMON, Cátia Castilho (org). *Escola cidadã: trajetórias*. Porto Alegre: PMPA, SMED, 1999.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias*. São Paulo. PUC/SP. 1981.